

Dinheiro e Dinheiro

ESTADO DE SÃO PAULO

A globalização da economia é fato que a vontade do estadista não poderá alterar. Da mesma maneira, poderá influir pouco neste outro fato significativo que é a transformação do Capital em Dinheiro, (não falo em Capital Financeiro no velho sentido marxista). Creio que um exemplo simples poderá esclarecer que seja esse fato complexo. Há alguns anos, pessoas se dedicavam a levantar dinheiro para comprar empresas, oferecendo por elas somas simplesmente astronômicas que não poderiam ser recuperadas, com lucro, no tempo em que o capital costumava até então amadurecer. Esses negócios continuaram a ser feitos apesar de tecnicamente não-aconselháveis: as empresas eram compradas e depois fatiadas e vendidas em pedaços. Ao fim do processo, os compradores ganhavam mais do que o mercado financeiro "normal" pagava. Não havia preocupação em criar ideologias para justificar o capitalismo, em construir uma ética de trabalho, edificar uma sociedade: aplicava-se dinheiro para fazer mais dinheiro. Sem nenhum objetivo produtivo, humano. Hoje, não se compram empresas para vendê-las fatiadas; aplica-se dinheiro nos chamados derivativos.

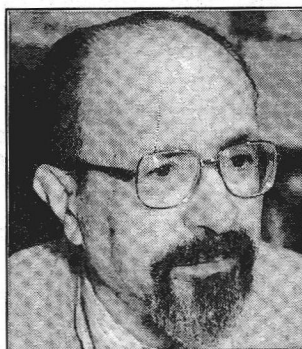
O capitalismo voraz e imperialista dos anos 50 transformou-se, 40 anos depois, no "capital especulativo". Há quem se tenha dado ao trabalho de fazer contas e verificado que, diariamente, *transita* pelos modernos meios de comunicação cerca de um trilhão de dólares, que se aplicam hoje aqui, amanhã ali. Há governos que, temendo a influência nefasta da retirada abrupta desse dinheiro, impõem condições para que fique: tempo, basicamente. O dinheiro só ficará, no entanto, se as condições de credibilidade das autoridades e da economia justificarem o risco de *deixar de ganhar* dinheiro durante aquele período de internação obrigatória, considerando as vantagens relativas de outros mercados. Note-se, igualmente, que houve uma profunda transformação na qualidade dos aplicadores de dinheiro. Há várias categorias deles: os que entesouram

debaixo dos colchões (especialmente o *Napoleão* de ouro), os que poupam em instituições financeiras, criando condições para que existam capitais de longo prazo a ser aplicados na criação de empregos, os que compram ações confiantes na rentabilidade das empresas e com isso fornecem capital de giro às companhias, os que adquirem títulos de governos estrangeiros, confiantes em viver de juros razoáveis. Hoje, basicamente, estamos diante apenas de dois tipos de aplicadores: bancos e fundos de pensão. Os que entesouram praticamente desapareceram diante da inflação, mesmo de 6% ao ano; os que poupam estão em sua maioria fixados nos fundos de pensão, ainda que as "cadernetas de poupança" desempenhem papel importante nos países centrais, onde a econo-

mia é mais ou menos bem administrada (há os casos de falências clamorosas, como nos Estados Unidos), as bolsas podem ser uma fonte de capital produtivo, aplicado em sua maior parte nos países "nacionais" das empresas globais. Os fundos, porém, comprando títulos de governos e ações em bolsa, quando não ativando diretamente o mercado, são a nova face da poupança.

Os fundos, mais o fato de os bancos haverem esquecido as lições das quebradeiras do

século 19 e o que lhes aconteceu e aos particulares quando da revolução russa, assumiram o papel de fornecer o capital para a maturação capitalista das nações atrasadas. Fornecer em termos — a obrigação moral, se assim se pode dizer, dos administradores desse dinheiro não é com o país em que o aplicam, mas com os que lhes deram a tarefa de bem gerir sua poupança. Por isso, tiram e põem. A transformação do Capital em Dinheiro reclama eficiência — e a eficiência (dinheiro gerando dinheiro) é a nova forma que o Maligno encontrou de fazer os homens acreditar que foram os escolhidos pelo Senhor. A ética protestante, que Weber estudou e à qual atribuiu tanta importância na formação do capitalismo, essa desapareceu e foi substituída pela cobiça pelo dinheiro e a cupidez pelo poder dele decorrente.



■ Oliveira S. Ferreira é diretor do "Estado"

A ética protestante desapareceu e foi substituída pela cobiça e a cupidez pelo poder